

Artigo recebido em
20/03/2014

Aprovado em
11/04/2014

TEREZINHA SILVA
Universidade Federal de
Minas Gerais

terezinhasilva@yahoo.com

Professora colaboradora

do Departamento de

Comunicação Social

da UFMG. Doutora em

Comunicação (UFMG/U-

Paris Nanterre). Jornalista e

Mestre em Educação (UFSC).

Pesquisadora do GRIS (Grupo

de Pesquisa em Imagem e

Sociabilidade).

**PAULA GUIMARÃES
SIMÕES**

Universidade Federal

de Minas Gerais

paulaguimaraessimoes@yahoo.

com.br

Professora do Programa

de Pós-Graduação em

Comunicação Social da

UFMG. Doutora, Mestre e

Graduada em Comunicação

pela mesma instituição.

Pesquisadora do GRIS (Grupo

de Pesquisa em Imagem e

Sociabilidade).

Um acontecimento em disputa: sentidos da exumação de Jango¹

Terezinha Silva e Paula Guimarães Simões

Resumo

O objetivo deste texto é analisar a exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart, ocorrida em 2013, a partir da discussão teórico-metodológica sobre acontecimento. Tomando como objeto de análise textos jornalísticos publicados no jornal Zero Hora, buscamos identificar como se realiza a descrição, a narração e a recepção pública dessa “segunda morte” de Jango. A análise revela que disputas de sentido foram instauradas em torno desse acontecimento, visto tanto como uma possibilidade de retratação histórica quanto como um gasto público despropositado. Essas disputas simbólicas expressam o modo como o acontecimento afeta de diferentes maneiras os públicos que convoca (e constitui) e apontam possibilidades de ressignificação da narrativa acerca do golpe de 1964.

Palavras-chave

Acontecimento, exumação de João Goulart, golpe de 1964.

Abstract

This article aims at analyzing the exhumation of the remains of former President Joao Goulart, which happened in 2013, through the lenses of the notion event. Investigating newspaper stories published by Zero Hora, we sought to identify how Jango’s “second death” was described and narrated by the media, as well as the public reception of it. The analysis reveals that symbolic battles emerged around this event, which was seen as a historical redress and as an unreasonable public expenditure. These symbolic battles express the way the event affects the publics in different ways and point out to possibilities of re-signifying the 1964 coup d’état.

Key-words

Event; João Goulart’s exhumation, 1964 coup d’état.

1-Agradecemos o apoio do CNPq, da FAPEMIG e da PRPq/UFMG ao desenvolvimento desta pesquisa.

A exumação dos restos mortais do ex-presidente da República João Goulart, uma das figuras públicas brasileiras mais diretamente afetadas pelo golpe civil-militar de 1964, é um acontecimento que marca o contexto dos 50 anos do golpe no Brasil. A exumação é uma das principais ações determinadas pela Comissão Nacional da Verdade, instituída em 2012 com o objetivo de investigar violações aos direitos humanos ocorridas no Brasil, entre 18 de setembro de 1946 e cinco de outubro de 1988 – período que compreende, portanto, a ditadura instituída no país entre 1964 e 1985.

Deposto e levado ao exílio pelo golpe de 1964, João Goulart morreu na Argentina em dezembro de 1976 e foi enterrado em São Borja (Rio Grande do Sul), sua cidade natal. As dúvidas, especialmente de familiares e aliados políticos, sobre as causas e circunstâncias de sua morte, motivaram a família a pedir a exumação do corpo. Ocorrida às vésperas do golpe completar 50 anos, a exumação suscita uma série de posicionamentos e memórias em torno daquele acontecimento histórico e da figura de João Goulart. Mostra, assim, como aquele acontecimento ainda reverbera na vida política do país. Como a exumação do corpo do ex-presidente morto no contexto da ditadura foi recebido publicamente quase 50 anos após o golpe? Que sentidos são atribuídos à exumação como acontecimento? Como o golpe e o ex-presidente são lembrados?

São estas as questões que inspiraram o presente artigo. O texto está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos a concepção de acontecimento que fundamenta nossa análise e que se inspira

na abordagem teórico-metodológica proposta pelo sociólogo francês Louis Quéré (1997; 2005). Dela, retiramos a grade a partir da qual analisamos a exumação como um acontecimento e seus desdobramentos, focando na forma como se dá a *descrição*, a *narração* e a *recepção* pública dessa ocorrência. Na segunda parte, apresentamos a análise dessas três dimensões do acontecimento, feita a partir de um *corpus* composto por material empírico retirado do jornal *Zero Hora*, do Rio Grande do Sul, terra natal do ex-presidente João Goulart.

Acontecimento e (re) organização da experiência

O acontecimento tem ocupado, há muito tempo, a atenção de pesquisadores das Ciências Sociais, especialmente nos estudos da Comunicação e do Jornalismo (VERÓN, 1981; TUCHMAN, 1983; CHAMPAGNE, 1991, 2000; MOUILLAUD, 2002; KATZ, 1999; MOLOTCH E LESTER, 1999; entre outros). Diferentes perspectivas são avançadas para a análise da constituição do acontecimento, mas pode-se dizer que predomina uma abordagem na qual o acontecimento é tratado, em maior ou menor gradação, como uma “construção” das mídias ou do Jornalismo. Em que pese a contribuição de muitos desses trabalhos, no sentido de iluminar diferentes aspectos da problemática da constituição de um acontecimento, nós o entendemos a partir de outra concepção, proposta por Louis Quéré (1997; 2005). Acreditamos que tal abordagem permite ver, na constituição social e simbólica dos acontecimentos, um pouco além do trabalho discursivo das mídias, sem, contudo, negligenciá-lo.

Quéré (1997, 2005) inscreve o acontecimento na organização da

experiência, portanto na recepção pública e na ação, destacando duas dimensões de sua operatividade. A primeira é cognitiva, na medida em que o acontecimento permite uma compreensão do mundo e de suas mudanças, lança novas luzes sobre o passado, o presente e o futuro. A segunda é prática, visto que a publicização do acontecimento – ou seja, a encenação (*mise en scène*), a atribuição de sentido (*mise en sens*) e a formatação (*mise en forme*) – possibilita organizar a ação, especialmente a ação coletiva, a partir de situações, problemas e possibilidades que ele revela ou modifica (QUÉRÉ, 1997, p. 429-430).

Interessa-nos destacar a descrição, a narração e a recepção pública do acontecimento

Central para Quéré é o *poder hermenêutico* do acontecimento, ou seja, seu caráter explicativo e revelador, pois mostra o cenário que o torna possível e o novo que ele pode iluminar (FRANÇA, 2009), altera as possibilidades de leitura e compreensão do passado (daquilo que o causou) e do futuro (novos possíveis que ele pode inaugurar) (MENDONÇA, 2007). Nesta concepção, portanto, o acontecimento é algo que provoca uma ruptura na experiência de indivíduos ou coletividades; que interpela os atores a agir para recompor o fluxo normal da experiência; que revela situações problemáticas da vida coletiva; que tem potencial para esclarecer o passado e abrir

novas possibilidades de futuro (SILVA, 2011).

O acontecimento não tem uma individualidade intrínseca, mas se constitui através do que Quéré (2000, p. 11) chama de processo de *individualização*. Trata-se da maneira pela qual um acontecimento adquire sentido e identidade enquanto acontecimento único, singular. A *individualização* é um processo e, como tal, pode ser decomposta em etapas, estreitamente ligadas umas às outras: a *descrição* (nomeação, enquadramento); a *narração* (as temporalidades e ações que constroem a intriga); a *recepção pública* (a constituição de públicos cujas práticas e discursos contribuem para constituir e nomear o acontecimento); a *dimensão pragmática* (ações e reações próprias daquele tipo de acontecimento); a configuração de *problemas públicos* (potencial de certos acontecimentos para criar, revelar ou modificar problemas coletivos); e a *normalização* (a redução da indeterminação do acontecimento, o tratamento da ruptura provocada, a recomposição do fluxo normal da experiência).

Para os objetivos do presente artigo, interessa-nos destacar e analisar, no caso da exumação do corpo do ex-presidente João Goulart, apenas três dessas dimensões, que serão nossas categorias de análise: a *descrição*, a *narração* e a *recepção pública* do acontecimento². É através delas que poderemos identificar o enquadramento mobilizado para explicar o acontecimento; passados e futuros que ele convoca; públicos que se configuram a partir do acontecimento e que sobre ele se manifestam. Explicamos.

A *descrição* de um acontecimento, como dito antes, refere-se à forma como

2- Além dos textos de Quéré (1997, 2000, 2005) aqui citados, a sistematização dessas etapas do processo de individualização de um acontecimento baseia-se em trabalhos realizados por Barthélémy (1992), Babo-Lança (2008), França (2009), Silva (2011), Simões (2011, 2012), que operacionalizaram o conceito de acontecimento conforme a abordagem aqui delineada.

ele é nomeado, categorizado, identificado. A descrição é orientada por “quadros da experiência” (GOFFMAN, 1991, p.19): “princípios de organização ou elementos de base que estruturam os acontecimentos, ao menos os sociais, e que servem para definir a situação e a nossa implicação neles”. Enquadrar um acontecimento é acionar esses quadros de sentido, essas matrizes interpretativas que permitem aos atores definir o que está acontecendo e se posicionar naquela situação. Através do conceito de quadros ou enquadramentos podemos identificar, então, como uma determinada situação ou acontecimento é definida pelos diferentes atores e que disputas simbólicas são travadas no seu transcurso. Interessa-nos, pois, verificar como é enquadrada e identificada a exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart.

A *narração*, por sua vez, diz respeito à configuração do tempo do acontecimento, ao modo como este convoca e instaura um passado para si e, ao mesmo tempo, abre um *novo campo de possíveis* (ARENDETT, 1993). A estruturação da temporalidade do acontecimento normalmente é feita em função de seu final, quando já se tem um término, mesmo que provisório. Trata-se, portanto, de identificar a constituição de um passado, que remete ao “campo da experiência”, e de um futuro para o acontecimento, o que remete ao “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006) ou de possibilidades por ele abertas.

Um acontecimento, conforme a abordagem adotada aqui, faz revelar experiências passadas, sobre as quais os atores se apoiam para buscar as causas das ocorrências presentes ou para compreender, interpretar, comparar e atuar na situação presente. O acontecimento também abre

outras possibilidades de futuro àqueles que são por ele afetados e aos problemas que ele revela. São as possíveis consequências. Das experiências passadas que a exumação dos restos mortais traz à tona, interessamos, sobretudo, verificar como é feito o trabalho de reconstrução da memória do golpe de 1964 e da própria biografia de João Goulart. Que elementos se destacam nessa trajetória – pública e privada – e de que maneira ela se relaciona com a própria história do país? Além disso, interessamos identificar possíveis futuros abertos pela emergência desse acontecimento. Para onde eles apontam?

Por fim, a *recepção pública* consiste no processo pelo qual um acontecimento constitui públicos cujas práticas e discursos contribuem para conformar e nomear a ocorrência. São públicos afetados e/ou interessados pelo acontecimento ou pelas situações e problemas por ele revelados, o que inclui diversos atores, individuais e coletivos, entre os quais as próprias mídias. A recepção pública do que aconteceu passa pelo processo de investigação ou *enquête* (*inquiry*), no sentido proposto por Dewey (1980): a identificação e exploração de problemas revelados pelo acontecimento e de ações consideradas apropriadas para resolvê-los.

A *recepção pública* é, portanto, um componente intrínseco da individualização de um acontecimento, uma extensão de seu contexto de sentido realizada por aqueles que recebem, se apropriam e respondem ao acontecimento. Tais públicos podem ser identificados por análises empíricas destinadas a apreender a fala de leitores de produtos midiáticos e, assim, a verificar como eles se posicionam em relação ao acontecimento. Mas eles podem ser identificados também por suas

manifestações inseridas nos discursos das mídias (SIMÕES, 2011) – e é o que procuraremos identificar aqui. Como se posicionam em relação à exumação?

Acreditamos que essas categorias de análise do acontecimento permitem apreender o processo de individualização da exumação dos restos mortais de Jango. Esta pode ser pensada como uma “segunda morte”, que, na medida em que retoma o encerramento de uma trajetória de vida, impulsionou discursos que reconstróem a trajetória dessa figura pública bem como sua inserção na história do Brasil.

Se “a morte realiza uma *montagem fulminante da nossa vida*”, como sugere Pasolini, a exumação de Jango é ocasião para realizar essa montagem de sua história, elegendo os seus “momentos verdadeiramente significativos” (1967, p. 196, grifos do autor). Além disso, podemos afirmar que uma montagem da própria história recente do país é conduzida pelos discursos que tematizam esse acontecimento.

Ao recuperar esses momentos, os discursos midiáticos constroem um *puzzle biodiagramático* (PIGNATARI, 1996), composto por elementos que constituem o percurso de vida de João Goulart, contribuindo, assim, para edificar a sua biografia. Esta não é entendida como uma narrativa que se escreve de maneira definitiva, mas é constituída como um diagrama, a partir de fragmentos de discursos instaurados por diferentes dispositivos.

Dessa maneira, a biografia de Jango é retomada e atualizada a partir da exumação de seus restos mortais – e traços agregados à sua imagem são ressignificados à luz desse acontecimento, que será analisado a seguir.

A exumação de João Goulart: enquadramentos, temporalidades e posicionamentos

A exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart aconteceu no dia 13 de novembro de 2013, cinco meses antes de completar 50 anos o golpe militar de 1964 que o depôs do cargo de presidente da República (31/03/1964). É constituído por outros “micro-acontecimentos”, isto é, outras ocorrências importantes a ele interligadas e que analisamos aqui como desdobramentos daquele acontecimento. Assim, o acontecimento a ser analisado é a *operação de exumação* propriamente dita, realizada no cemitério Jardim da Paz, em São Borja, no Rio Grande do Sul, sua terra natal, onde peritos nacionais e internacionais recolherem os restos mortais já na madrugada de 14/11/13. Ligados a esse acontecimento inicial, destacamos os seguintes desdobramentos: a) o *transporte dos restos mortais para o Distrito Federal* no mesmo dia (14/11/2013), onde foi recebido com honras de Chefe de Estado pela presidenta da República, Dilma Rousseff, ex-presidentes (Lula, Fernando Collor, José Sarney)³, outras autoridades e familiares; b) a *sessão do Congresso Nacional*, em 20/11/2013, que anulou ata de sessão de 1964 que declarara vago o cargo de presidente da República; e, finalmente, c) o *retorno dos restos mortais para o segundo funeral* do ex-presidente em São Borja, em 06/12/2013 – também com honras de Chefe de Estado.

O acontecimento, que teve relativa repercussão público-midiática⁴, é analisado aqui à luz da grade analítica antes exposta, buscando identificar como ele foi descrito, narrado e recebido

3- O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso não teria comparecido à cerimônia, conforme noticiado pela imprensa, por problemas de saúde.

publicamente. Nos limites deste artigo, optamos por trabalhar com o material veiculado pelo jornal *Zero Hora*⁵, por ser o maior jornal, em termos de circulação, do Estado de nascimento de Jango (Rio Grande do Sul) e que dedicou extensa cobertura ao acontecimento aqui em análise. A coleta de dados foi realizada no site⁶ do ZH, construindo um corpus composto de 25 textos (incluindo um *Especial* e dois pequenos vídeos sobre o assunto) publicados nos dias 13, 14, 21 de novembro de 2013 (sobre a exumação e a sessão no Congresso Nacional); 27 e 29 de novembro, além de cinco e seis de dezembro de 2013 (referentes ao segundo enterro). Além disso, o corpus também é formado por 19 comentários postados por leitores no site do jornal – todos relativos a matérias sobre o novo funeral.

O enquadramento em *Zero Hora*: “a História em revisão”

A descrição do processo de exumação do corpo de João Goulart feita por *Zero Hora* destaca tanto suas características de acontecimento típico (a exumação de um corpo) quanto de um acontecimento singular (a exumação do corpo de um ex-presidente da República). Essa exumação, como outras, teve ações que lhes são próprias: solicitação da exumação e sua determinação judicial, contratação e deslocamento de peritos para realizar a operação, abertura de jazigo e recolhimento dos restos mortais, encaminhamento a instituições especializadas nesse tipo de exames periciais e segundo enterro. O relato jornalístico aponta estes aspectos, inscrevendo o acontecimento em um “quadro da experiência” (GOFFMAN, 1991) que é partilhado por nós e que

nos indica o que está acontecendo ali: a exumação ou desenterro de um corpo, com os vários atores implicados (familiares, peritos, autoridades, observadores).

Mas o que ganha destaque no relato é, certamente, as características que singularizam este acontecimento em

A descrição da exumação do presidente em ZH destaca tanto aspectos típicos, quanto singulares

relação a outras exumações. Trata-se do desenterro do corpo de um ex-presidente da República do Brasil, morto em seis de dezembro de 1976, na Argentina, onde vivia exilado após ser deposto pelo golpe militar (1964-1985) e sobre cuja morte pairam suspeitas de assassinato. Busca-se, então, conforme os relatos jornalísticos e de seus entrevistados, esclarecer as causas de sua morte e, assim, elucidar também aspectos da história política do próprio país: se morte natural em função de um infarto, conforme a versão oficial, ou envenenamento causado por agentes das ditaduras militares dos países do Cone Sul, conforme suspeita de alguns familiares, pessoas próximas ou aliados políticos.

A exumação é, pois, definida no relato como “*Uma operação para iluminar a História*”, conforme o título do *Especial* veiculado por *Zero Hora*. O jornal trata de destacar, então, “a movimentação em São Borja no dia histórico”; “a alta organização e segurança do procedimento”; o trabalho de peritos nacionais e internacionais e a

4- Uma crítica ao silêncio da chamada “grande imprensa” em relação à exumação do corpo de João Goulart, particularmente nas edições impressas dos diários *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, pode ser vista em PIGNOTTI, (2013).

5- Com uma circulação média diária de 184.674 mil exemplares em 2012, *Zero Hora* figura também como o 6º jornal em circulação nacional, conforme dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) relativos a 2012.

Fonte: Associação Nacional dos Jornais (ANJ), disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>.

Acesso: 08/03/2014.
6- <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs>.

“quebra de protocolo” por parte deles já que “posam para foto antes da exumação” (ZERO HORA, 2013a, s/n); a presença de ministros de Estado, de “jornalistas, que puderam entrar e registrar imagens do momento histórico”, e de “manifestantes”, que “posicionam cartazes em frente ao cemitério” com os dizeres “ditadura nunca mais”, “ditadores não passarão”, “Levante pela Verdade” e “Pelo fim da impunidade” (ZERO HORA, 2013b, s/n). Destaca ainda a “tensão em São Borja” porque a exumação demorou quase 19 horas (11 a mais do que o previsto) em função da dificuldade de localizar o caixão de Jango no mausoléu da família Goulart; e a presença também do “público que se encontrava do lado de fora do cemitério” e “também ouviu barulho de equipamentos durante a noite” (ROLLSING, 2013a, s/n).

Operação com aparato de segurança, avião presidencial, peritos de quatro países e laboratórios estrangeiros, a maior exumação realizada pelo Estado brasileiro pode terminar sem conclusões. Mais do que esclarecer se João Goulart foi vítima de ataque cardíaco ou envenenado por agentes da repressão, em dezembro de 1976, está em curso uma tentativa de reescrever a história do Brasil (MAZUI, 2013a, s/n – grifo nosso).

É o que esse acontecimento pode representar em termos de esclarecimento, iluminação e modificação da História oficial do país que é enfatizado na *descrição* feita por ZH. A exumação e ocorrências a ela relacionadas são inseridas em um quadro de “*História em revisão*”, conforme as “cartolas” que o jornal utiliza tanto em seu relato do desenterro do corpo (ROLLSING, 2013a, s/n), quanto dos preparativos para o segundo sepultamento (ROLLSING, 2013b), em seis de dezembro,

dia em que completou 37 anos de sua morte.

Outro aspecto destacável na *descrição* do acontecimento é a chegada dos restos mortais a Brasília. Em uma matéria cuja “cartola” denomina-se “De volta ao DF”, o jornal destaca esse retorno simbólico do ex-presidente ao Distrito Federal, para onde nunca mais tinha voltado desde que foi deposto pelo golpe de 1964:

A urna com os restos mortais do ex-presidente João Goulart, o Jango, chegou à base aérea de Brasília por volta das 11h48min desta quinta-feira [14/11/2013]. Com honras de chefe de Estado, o esquife de Jango foi recepcionado pela presidente Dilma Rousseff. A viúva Maria Thereza Goulart, os ex-presidentes Lula, José Sarney e Fernando Collor, o presidente do Senado Renan Calheiros, ministros de Estado, outras lideranças políticas e comandantes das Forças Armadas também participaram da recepção ao corpo de Jango. A cerimônia, curta, teve marcha fúnebre, execução do Hino Nacional, hasteamento da bandeira e salvas de 21 tiros de canhão (MAZUI, 2013b).

Em seu relato sobre a chegada do corpo em Brasília, ZH incorpora a manifestação feita pela presidenta Dilma Rousseff em sua conta no Twitter, após a recepção aos restos mortais de João Goulart, em que aparece também esse enquadramento do potencial esclarecedor do acontecimento a respeito da história do país. A presidenta lembra que ele foi o único presidente brasileiro a morrer no exílio, “em circunstâncias ainda a serem esclarecidas por exames periciais”. Dilma define a situação (cerimônia em memória a ele) como sendo “*um encontro do Brasil com sua história*” e “*uma afirmação da nossa democracia*” (ZERO HORA, 2013c, s/n).

A tônica da modificação na história do país representada pelo acontecimento aparece também no relato de ZH sobre a aprovação, no Congresso Nacional, do projeto que anulou a sessão legitimadora do golpe, em dois de abril de 1964, quando foi declarada a vacância do cargo de Presidente da República – embora João Goulart continuasse no país “e ainda estudava como resistir à deposição” (ZERO HORA, 2013d, s/n). Sob uma “cartola” denominada *Mudança na história*, o jornal destaca ainda que o projeto foi votado em meio a discursos lembrando os “fatos dramáticos relacionados à queda de Jango”; que “vários parlamentares discursaram para apoiar a matéria”; e que “somente Jair Bolsonaro (PP-RJ) se manifestou contra a *restituição da verdade histórica* relacionada à queda de Jango” (ZERO HORA, 2013d, s/n – grifo nosso).

Da mesma forma, o novo funeral de João Goulart é inserido em um quadro de sentido da “História em revisão” (ROLLSING, 2013b, s/n). O “Enterro para a História”, como é definido por ZH, ganha o sentido de reparação e reescrita do que aconteceu no passado, pois, após a exumação, o ex-presidente tem um sepultamento com “as honras e solenidades que não foram permitidas no passado” pelo regime militar (ROLLSING, 2013c, s/n). A recepção dos restos mortais por parte do Regimento do Exército baseado em São Borja é, assim, identificada como uma “Reconciliação com a história” (ROLLSING, 2013d, s/n).

É importante perceber que o enquadramento do acontecimento como uma “revisão” ou “tentativa de reescrita da história” aparece em outros discursos acionados pela narrativa de ZH. Eles endossam o mesmo quadro interpretativo,

indicando que, com a exumação e seus desdobramentos, “estamos, como nunca se fez, reescrevendo uma parte da história do país que estava mal contada” (ROLLSING, 2013c, s/n). Ou, ainda, que o acontecimento atual é um necessário trabalho de resgate da memória e da história, além de uma forma de corrigir injustiças com a imagem do ex-presidente (ROLLSING, 2013c, 2013e; MAZUI, 2013a).

Esse enquadramento e os sentidos da exumação, porém, não são consensuais ou aceitos unanimemente. Os discursos de *Zero Hora*, ou daqueles que se manifestam através deles, explicitam tais discordâncias e resistências. Elas aparecem, por exemplo, via posição do comandante do Regimento Sul do Exército (região de São Borja/RS) – responsável por receber o retorno dos restos do ex-presidente à sua cidade natal e por oferecer as honras devidas.

Para o general-comandante, o novo funeral não é uma “retratação histórica” (ROLLSING, 2013f, s/n). As discordâncias aparecem ainda em posicionamentos de leitores do jornal, que se expressam via comentários às matérias publicadas no site, como veremos na análise da recepção pública do acontecimento.

Reverendo a morte e a figura de Jango: uma narração

A narração da exumação dos restos mortais do ex-presidente deve ser pensada a partir de dois eixos: 1) o passado que é convocado e (re)construído a partir desse acontecimento (tanto no que diz respeito à biografia do próprio João Goulart como em relação à história do país e da ditadura militar aqui instaurada); 2) o futuro aberto pela exumação (os campos de possíveis inaugurados por esse acontecimento).

Ao construir o passado da exumação, os discursos de *Zero Hora* lembram as circunstâncias da morte dessa figura pública:

Deposto e exilado pelo golpe de 1964, Jango morreu na Argentina, em dezembro de 1976. A versão oficial indica que ele foi fulminado por um ataque cardíaco, porém, existe a suspeita de que o gaúcho tenha sido envenenado por agentes ligados à Operação Condor, esquema de cooperação entre as ditaduras do Cone Sul (MAZUI, 2013b, s/n).

É a dúvida em relação às causas da morte de Jango que impulsiona o pedido de exumação do ex-presidente, feita pela família em 2007 e determinada pela Comissão Nacional da Verdade em 2013. A exumação pode ser pensada como uma “segunda morte” e, tal como o encerramento dessa trajetória de vida no dia seis dezembro de 1976, impulsionou o resgate do *puzzle biodiagramático* (PIGNATARI, 1996) que constrói a história de João Goulart – narrada nas matérias do Zero Hora.

João Belchior Marques Goulart (1919-1964) nasceu em São Borja (Rio Grande do Sul), tendo ingressado na vida política nos anos 1940, filiado ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), de Getúlio Vargas. Formado em Direito, foi eleito vice-presidente de Juscelino Kubitschek, em 1955. Também foi “dirigente partidário, deputado estadual, deputado federal e ministro do Trabalho do governo Vargas, entre 1953 e 1954”, além de “herdeiro político” de Getúlio “após o suicídio do líder gaúcho” (MAZUI, 2013a, s/n). Em 1960, foi eleito vice-presidente da República pelo PTB, compondo o governo ao lado do presidente eleito Jânio Quadros, do PDC (Partido Democrata Cristão)⁷. Com

a renúncia de Jânio, em 1961, “ministros militares impediram a posse de Goulart por suas relações com a esquerda”. Mas ele assume, “em clima tumultuado” e após a “resistência vitoriosa” do “movimento da Legalidade”, que defendia sua posse e era liderado pelo “ícone do PDT”, seu cunhado e então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Em 1º de abril de 1964, Brizola “tentou convencer Jango a resistir ao golpe militar” que o destituiu do poder. “O presidente, porém, temendo uma guerra civil não atendeu aos apelos do cunhado, deixando o país rumo ao Uruguai”, onde exilou-se, com a família, seguindo depois para a Argentina, onde faleceu em 1976 (MAZUI, 2013a, s/n).

Nessa trajetória pública de Jango, destacam-se as Reformas de Base que seu governo planejava instaurar, entre as quais a reforma agrária e temas bancários, fiscais, eleitorais, universitários, com o objetivo de diminuir as desigualdades no país. Em um comício realizado na Central do Brasil, em 13 de março de 1964, Jango “anunciou a desapropriação de terras e a encampação de refinarias”, acirrando as disputas entre os grupos políticos do país e impulsionando o descontentamento dos setores conservadores, materializados em movimentos como a “Marcha da Família com Deus” (MAZUI, 2013a, s/n). – o que culminará com o golpe de Estado no dia 31 daquele mesmo mês. É interessante notar como os textos de *Zero Hora* apontam para uma transformação na imagem pública do presidente deposto, seja via voz de historiadores entrevistados ou da própria reportagem:

Desde o golpe, adjetivos como “fraco” e “comunista” e uma suposta vontade de instaurar uma ditadura sindicalista no país pontuam a

7- Naquele momento, o eleitor votava separadamente para presidente e vice-presidente e não em uma chapa única para os dois cargos, como é atualmente.

biografia do líder. Na última década, pesquisas, livros e documentários, como *O Dia que Durou 21 Anos*, tentam reconstruir sua imagem, processo aditivado pela exumação. De ameaça vermelha, Jango passa a figurar como mártir da democracia (MAZUI, 2013a, s/n – grifos nossos).

Além de destacar essas características que marcam a face pública de João Goulart, retomada em sua relação com a própria história do Brasil, os discursos também evidenciam aspectos da vida privada do ex-presidente – dando destaque para seu casamento com Maria Thereza Fontella Goulart. Em longa entrevista com a viúva, *Zero Hora* retoma a relação entre “Tetê” e Goulart, destacando a fama de namorador de Jango e as suspeitas de infidelidade que pairavam sobre ele. Mas Maria Thereza

Nessa trajetória pública de Jango, destacam-se as Reformas de Base que pretendia instaurar

destaca que Jango era um bom marido, apesar de não ficar muito em casa – ou talvez por isso mesmo (BUBLITZ, 2013). Em outra entrevista, ela destaca alguns dos valores agregados à imagem de João Goulart, evidenciando a importância da exumação no contexto brasileiro: “É importante o resgate da memória de um presidente que foi injustiçado e que fez tantas coisas bonitas pelo Brasil. Ele foi bom, foi honesto, foi correto e bem intencionado. Foi realmente um resgate muito importante” (ROSSLING, 2013e, s/n)

A exumação do corpo de João Goulart faz convocar ainda outras experiências passadas, relacionadas a acontecimentos similares de “exumações notórias” de distintas figuras públicas: os ex-presidentes do Chile, Eduardo Frei Montalva (2004) e Salvador Allende (2011); o poeta chileno Pablo Neruda (2013); “o herói revolucionário” Simon Bolívar (2010); “o monarca” Dom Pedro I e suas duas mulheres, imperatrizes Dona Leopoldina e Dona Amélia (2012); e o “líder palestino” Yasser Arafat (2012) (MAZUI, 2013a, s/n). A convocação desses passados situa o acontecimento atual numa estrutura temporal e espacial mais complexa, ao mesmo tempo em que o vincula a uma trama política semelhante: as suspeitas, confirmadas ou não, de morte de figuras públicas relacionadas a lutas político-ideológicas.

Além de retomar traços que constituem a biografia de Jango e a história do Brasil, os discursos analisados relatam o futuro aberto pela exumação: um segundo enterro de Jango, com honras de Chefe de Estado, ocorrido em seis de dezembro de 2013, exatos 37 anos após a morte do ex-presidente. O cortejo, a missa e o enterro dos restos mortais de Jango no Cemitério Jardim da Paz foram acompanhados por familiares, amigos, políticos e pela população de São Borja. O segundo sepultamento é definido como um momento de “reencontro e homenagens”, depois de toda “espera e angústia” que marcaram a exumação (ROSSLING, 2013c, s/n). Ao mesmo tempo, o “novo funeral” convoca e atualiza o passado e o contexto em que havia sido sepultado o “líder trabalhista” em “um enterro quase clandestino”. Trata-se, agora, então, do “enterro que não teve quando seu corpo,

já sem vida, voltou ao Brasil em 1976” (MILMAN, 2013, s/n), lembrado assim na narrativa de *ZH*: “Há 37 anos, o ex-presidente foi sepultado às pressas, sob intimidação de militares e sem autópsia. [...] Diferentemente da primeira vez [...] Jango terá, agora, as honras e solenidades que não foram permitidas no passado” (ROLLSING, 2013c, s/n).

Como destaca o relato de *Zero Hora*, não se sabe ainda qual será o desfecho da exumação. De qualquer forma, o resultado dos exames esclarecendo as causas da morte de João Goulart integrará o futuro aberto por esse acontecimento. Ademais, podemos destacar, no campo de possíveis inaugurado por ele, essa possibilidade de revisão de um momento fundamental da própria história do Brasil. As ideias de “restituição da verdade histórica” e de “afirmação da nossa democracia” evidenciadas anteriormente na descrição também podem ser situadas aqui como desdobramentos importantes deste acontecimento. Entretanto, tais ideias não foram compartilhadas por todos os públicos que se posicionaram em relação à exumação – como será discutido a seguir.

Públicos que se posicionam: a repercussão do acontecimento

Em torno da exumação e seus desdobramentos, e da narrativa feita por *Zero Hora*, constituem-se diferentes públicos, que, de alguma forma e por diferentes motivos, são afetados ou estão interessados pelo acontecimento. Entre aqueles passíveis de identificação via narrativa de *ZH*, destacam-se: “a família”, que desde 2007 solicitava a exumação ao Ministério Público Federal e a classifica

como “muito triste”, um momento de “dor”, por “revolver muito o passado, os acontecimentos” (BUBLITZ, 2013), mas que defende “a busca pelo esclarecimento das circunstâncias da morte de Jango por ser um direito da família e do povo brasileiro” (ROSSLING, 2013h, s/n). Os “amigos” do ex-presidente, que se lembram dele “com carinho” (ROSSLING, 2013i, s/n) ou consideram que o “resgate da memória de João Goulart é ato de amor à pátria” (ROSSLING, 2013c, s/n). Os “peritos” e “especialistas” encarregados dos procedimentos da exumação. Os “manifestantes” que reivindicaram o “fim da impunidade” (*Zero Hora*, 2013a). A “comunidade”, o “povo”, o “público”, a “população” de São Borja ou os “são-borjenses”, “populares” ou “conterrâneos” de João Goulart que foram ao cemitério testemunhar a exumação, lotaram a igreja e acompanharam o cortejo do segundo funeral (ROSSLING, 2013a; 2013c; 2013e; 2013j; 2013l). As “lideranças políticas e comandantes das Forças Armadas” que recepcionaram os restos mortais do ex-presidente em Brasília e o seu retorno a São Borja (MAZUI, 2013b; ROSSLING 2013b). Os “parlamentares” que, no Congresso Nacional, fizeram “discursos relembrando os fatos dramáticos relacionados à queda de Jango” e apoiaram a anulação da sessão que o depôs (ZERO HORA, 2013d, s/n). O “Exército” ou “os militares do regimento” situado na cidade de São Borja, a quem coube receber, com honras de Chefe de Estado, o corpo do ex-presidente de volta a São Borja, mas cujo comandante na região nega que se trate de uma “retratação histórica” (ROSSLING, 2013f, s/n). Os “políticos” presentes ao funeral, que “reagem com ironia às declarações do general” e sustentam que é, sim, “a

correção de um grave erro histórico” ou ainda “um grande acontecimento, cívico e emotivo” (ROSSLING, 2013g, s/n). Os “comerciantes” e “empresários” de São Borja, que resistiram à decisão do poder público local de decretar feriado no dia do sepultamento (ROSSLING, 2013c). Os “jornalistas”, que acompanharam e “puderam registrar o momento histórico” (ZERO HORA, 2013b, s/n). E os leitores de *Zero Hora*, que também se posicionaram em relação ao acontecimento e à narrativa feita pelo jornal, através de comentários postados em seu site.

O jornal e sua narrativa vão, assim, projetando públicos e mostrando como eles se posicionam em relação à exumação. O “Ministério Público, Comissão Nacional da Verdade e Secretaria de Direitos Humanos da Presidência [da República]”, que, “apesar da falta de provas documentais”, “consideram consistentes os relatos de envenenamento” do ex-presidente. Os “historiadores”, que “divergem, mas apoiam a exumação”, para “tirar qualquer dúvida que ainda existe com respeito à causa do seu falecimento” e para “que lhe sejam devolvidas honras devidas a um chefe de Estado”. “Todos”, conforme *ZH*, “comungam de uma opinião: o país tem o dever de, ao menos, tentar elucidar o caso”. O “governo”, cuja decisão de encaminhar a exumação do corpo e de conceder “enterro com honras de chefe de Estado a Goulart, recebe algumas críticas, em especial de setores conservadores”, que alegam “viés eleitoral”: seria do interesse da ministra de Direitos Humanos, Maria do Rosário, “e dos herdeiros de Jango” por supostas “indenizações internacionais” (MAZUI, 2013a, s/n).

No centro da controvérsia está a disputa em torno dos sentidos e possibilidades

de abertura desencadeadas pelo acontecimento (sobre o que passou, o presente e o que ele pode apontar), assim sintetizada por *Zero Hora*: “o cerne da polêmica fica na queda de braço entre direita e esquerda para reescrever a história” (MAZUI, 2013a, s/n). E tais disputas não estão presentes apenas nos discursos de representantes das diferentes instituições (incluindo as mídias), que são afetadas pelo acontecimento e a ele respondem, de diferentes formas, com ações e discursos que contribuem para constituí-lo e significá-lo. Elas aparecem também nas manifestações de leitores, com seus diferentes posicionamentos.

Entre eles, há quem ironize a “revisão da história” propondo a “anulação do golpe de 15 de Novembro de 1889” (ZERO HORA, 2013d, s/n); os que criticam os gastos com a exumação e o funeral, o atual governo, os políticos de esquerda ou a “terrorista no poder” – “ridículo”, “palhaçada”, tentativa de criar “fato político”, “tudo lorota para tirar o foco dos erros econômicos, políticos” – e reivindicam que os recursos sejam destinados a “valorizar o povo da cidade” de São Borja (MILMAN, 2013, s/n); os que apoiam o posicionamento do general porque “não falou o que estes políticos queriam ouvir” e ainda os que defendem a volta do Exército para “botar esses políticos pra correr de novo”.

Mas há também quem critique o posicionamento do general – um “arrogante alienado”, apenas “fugiu da pergunta”, ou não quis assumir a responsabilidade de admitir “que é sim uma retratação e os militares hoje tem que prestar continência e se curvar aos presidentes civis eleitos de forma democrática”. Crítica dirigida também ao próprio golpe de 1964, à deposição do presidente, os exílios,

prisões, torturas e mortes de brasileiros: “Agora, a história é outra, na democracia, militar tem que respeitar a constituição e obedecer a Chefe de Estado, portanto, entrem em forma, marchem, prestem continência” (ROLLSING, 2013f; 2013g, s/n). Há ainda quem se posicione criticamente em relação à figura de João Goulart – “não merece honras militares, porque era um político fraco [...], frouxo e estava sendo arrastado pelos comunistas” (ROLLSING, 2013g, s/n) – e quem defenda “as homenagens e o respeito” a ele: “o povo que o elegeu de certa forma também está homenageado” e “a cidade de São Borja está de alma lavada!” (ROLLSING, 2013j, s/n).

A breve análise da recepção pública aqui realizada aponta para as controvérsias em torno da exumação e da imagem de João Goulart. Diferentes sentidos são projetados sobre a biografia de Jango, o golpe de 1964 e a própria história do país – o que exige a maneira como os diferentes públicos são afetados por esse acontecimento.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar a exumação dos restos mortais de João Goulart a partir da noção de acontecimento. A proposta foi apreender de que maneira essa “segunda morte” de Jango foi descrita, narrada e recebida publicamente em um contexto que marca os 50 anos do golpe civil-militar que instaurou uma ditadura no Brasil. A análise revelou que a narrativa hegemônica de *Zero Hora* procurou identificar o acontecimento como uma tentativa de revisar e reescrever a história do país. Entretanto, mostrou que houve disputas de sentido em torno dessa definição da situação, na medida em que várias críticas questionaram as ações do

governo que conduziram a exumação.

Além disso, podemos perceber como esse acontecimento procura reconstruir o passado e a própria imagem pública do ex-presidente. Os textos analisados apontam para um resgate do golpe de 1964 e uma tentativa de reconstrução e compartilhamento de uma memória coletiva em torno dele. Nesse sentido, o golpe de 1964 é uma ocorrência que continua acontecendo e instaurando novos acontecimentos que podem ressignificá-lo 50 anos depois.

Vale destacar os limites da análise aqui empreendida em torno dos materiais veiculados por um jornal específico – *Zero Hora*. Por ser um jornal gaúcho, acaba por construir uma cobertura sensível e afetuosa em torno de Jango e sua “segunda morte”. Uma comparação entre a abordagem de *ZH* e outros jornais (ou revistas) da chamada “grande imprensa” nacional pode revelar aspectos interessantes dessas disputas simbólicas em torno da figura de João Goulart, do golpe de 1964 e da história do país – o que poderá ser feito em outros trabalhos.

De qualquer forma, gostaríamos de concluir salientando a importância de olhar para acontecimentos como esse que podem ser pensados como desdobramentos do golpe de 1964 e que podem, de alguma forma, ressignificá-lo. Particularmente, nesse contexto que lembra os 50 anos daquela ocorrência e que continua marcado por inúmeras disputas simbólicas: enquanto hoje muitos lamentam e sofrem fortemente ao lembrar a ditadura no Brasil e todas as suas consequências, outros se manifestam a favor de uma outra intervenção militar no país, realizando uma nova *Marcha pela família com Deus pela liberdade*, em uma

reedição das manifestações conservadoras realizadas nos anos 1960 e que acabaram por legitimar o golpe. É preciso apontar e refletir sobre essas disputas que marcam a construção da democracia no país e evidenciam possíveis ameaças a ela. Tais disputas exibem traços constituidores da sociedade brasileira – de sua história e de seus valores.

Referências

ARENDDT, H. Compreensão e Política. In: _____. A dignidade da política. Ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 39-53.

BABO-LANÇA, I. Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional. Conferência proferida no I Colóquio em Comunicação e Sociabilidade – Comunicação Midiática: instituições, valores e cultura. Belo Horizonte, GRIS / PPGCOM-UFMG, nov/2008.

BARTHÉLÉMY, M. Événement et espace public: l'affaire Carpentras. In: Quaderni, No. 18, Automne, 1992, pp.125-140.

DEWEY, J. Experiência e Natureza. Trad. LEME, Murilo Otávio Rodrigues Paes. In: Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1980.

FRANÇA, V. R.V. O crime e o acontecimento midiático. Conferência proferida no 6º SOPCOM/4º IBÉRICO. Universidade Lusófona, Lisboa, abril 2009. Disponível em http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/296/27. Acesso: outubro de 2010.

GOFFMAN, E. Les cadres de l'expérience. Paris. Les Éditions de Minuit. 1991.

MENDONÇA, R. F. Movimentos Sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. Lua Nova, Revista de cultura e política, São Paulo, n. 72, p. 115-142, 2007.

PASOLINI, P. P. Observações sobre o plano-sequência. In: _____. Empirismo herege. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. p. 193- 196.

PIGNATARI, D. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, F. (Org.) Biografia: sintoma de cultura. São Paulo: Hacker editores, Cespuc, 1996. p. 13-19.

SILVA, M. T. A constituição simbólica de um acontecimento – uma análise do processo de individualização do Mensalão. Belo Horizonte/MG. 2011, 222f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Universidade Federal de Minas Gerais/Université Paris Ouest Nanterre (cotutela).

SIMÕES, P. G. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. In: Líbero, v.14, n. 28, dez. 2011. P. 129-140. Disponível em: http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2011/12/12/1323717993.pdf. Acesso: outubro de 2012.

_____. O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012, 282f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

QUÉRÉ, L. L'événement. In: BEAUD, P. et al. (sld). Sociologie de la communication. Reseaux, CNET, 1997.

_____. L'individualisation des événements dans le cadre de l'expérience. In : CEFAL, D. E PASQUIER, D. (Orgs.). Les sens du public. Paris : Press Universitaires de France, 2003, p. 113134.

_____. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, nº 6. Lisboa: ISCTE / Casa das Letras / Editorial Notícias, 2005, p. 59-75.

Matérias jornalísticas

BUBLITZ, Juliana. “Será muito triste ver a exumação de Jango”, diz Maria Thereza. Zero Hora, Porto Alegre, 13 novembro 2013. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/pagina/maria-thereza-goulart.html>. Acesso em: 03 mar. 2014.

MAZUI, Guilherme. Uma operação para iluminar a História. Zero Hora, 13 novembro 2013 (a). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/pagina/exumacao-de-jango.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. De volta ao DF - Exumação de Jango: urna com restos mortais chega a Brasília. Zero Hora, Porto Alegre, 14 novembro 2013(b). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/pagina/exumacao-de-jango.html>. Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. Entrevista - “Indícios apontam morte natural”, afirma historiador e biógrafo de Jango. Zero Hora, Porto Alegre, 13 novembro 2013(c). Disponível em:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/11/indicios-apontam-morte-natural-afirma-historiador-e-biografo-de-jango-4331867.html> . Acesso em: 03 mar. 2014

MILMAN, Tulio. História em revisão - como será o segundo enterro de Jango. Zero Hora, Porto Alegre, 27 novembro 2013. Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/11/tulio-milman-como-sera-o-segundo-enterro-de-jango-4347370.html> . Acesso em: 03 mar 2014.

PIGNOTTI, Dario. Jango, JFK e O Globo . Agência Carta Maior. São Paulo, 28 novembro 2013. Política. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Jango-JFK-e-Globo/4/29674> . Acesso em: 03 mar 2014.

ROLLSING, Carlos. História em revisão - Tensão em São Borja: por que a exumação de Jango levou 19 horas. Zero Hora, Porto Alegre, 14 novembro 2013 (a) [atualizada em 15 novembro 2013]. Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/11/tensao-em-sao-borja-por-que-a-exumacao-de-jango-levou-19-horas-4333590.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. História em revisão - Como será o segundo funeral de Jango. Zero Hora, Porto Alegre, 05 dezembro 2013 (b). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/como-sera-o-segundo-funeral-de-jango-4355316.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. Enterro para a História - Exumados em novembro, restos mortais de Jango serão recebidos com honras de chefe de Estado nesta sexta em São Borja. Zero Hora, Porto Alegre, 06 dezembro 2013(c). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/exumados-em-novembro-restos-mortais-de-jango-serao-recebidos-com-honras-de-chefe-de-estado-nesta-sexta-em-sao-borja-4355918.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. Reconciliação com a história - Restos mortais de Jango chegam a São Borja. Zero Hora, Porto Alegre, 06 dezembro 2013(d). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/restos-mortais-de-jango-chegam-a-sao-borja-4356366.html> . Acesso: 03 mar. 2014.

_____. História resgatada - Maria Thereza Goulart se emociona com carinho do povo de São Borja. Zero Hora, Porto Alegre, 06 dezembro 2013(e). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/maria-thereza-goulart-se-emociona-com-carinho-do-povo-de-sao-borja-4356750.html>. Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. Enterro para a História - General nega que homenagem a Jango seja retratação histórica. Zero Hora, Porto Alegre, 06 dezembro 2013(f). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/general-nega-que-homenagem-a-jango-seja-retratacao-historica-4356284.html> . Acesso em: 03 mar 2014.

_____. Enterro para a História - Políticos reagem com ironia às declarações de general sobre Jango. Zero Hora, Porto Alegre, 06 dezembro 2013(g). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/politicos-reagem-com-ironia-as-declaracoes-de-general-sobre-jango-4356319.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. Operação na Fronteira - “Não estamos desenterrando um tatu”, diz filho de Jango sobre demora na exumação. Zero Hora, Porto Alegre, 13 novembro 2013(h). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/11/nao-estamos-desenterrando-um-tatu-diz-filho-de-jango-sobre-demora-na-exumacao-4333090.html>. Acesso 03/03/2014 .

_____. Testemunha da história - Ex-assessor de Jango diz que exumação “não irá revelar a verdade”. Zero Hora, Porto Alegre, 13 novembro 2013 (i). Política. Disponível em: 13/11/2013. <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/11/ex-assessor-de-jango-diz-que-exumacao-nao-ira-revelar-a-verdade-4332100.html> . Acesso em: 03 mar 2014.

_____. Novo funeral – Após missa, restos mortais de Jango são sepultados em São Borja. Zero Hora, Porto Alegre, 06 dezembro 2013(j). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/apos-missa-restos-mortais-de-jango-sao-sepultados-em-sao-borja-4356610.html>

_____. Memória resgatada - Cortejo com caixão de Jango emociona São Borja. Zero Hora, Porto Alegre, 06 dezembro 2013(l). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/12/apos-missa-restos-mortais-de-jango-sao-sepultados-em-sao-borja-4356610.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

ZERO HORA. Manifestantes posicionam cartazes em frente a cemitério de São Borja onde acontecerá exumação. Zero Hora, Porto Alegre, 13 novembro 2013 (a). Política. Disponível em : <http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/video-minuto/2013/11/manifestantes-posicionam-cartazes-frente-cemiterio-sao-borja-onde-corpo-jango-sera-exumado/50149/>. Acesso em: 03 mar. 2014

_____. Em São Borja, a equipe de 12 peritos posa para a foto. Zero Hora, Porto Alegre, 13 novembro 2013 (b). Disponível em: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/video-minuto/2013/11/sao-borja-equipe-peritos-posou-para-foto/50189/>. Acesso em: 03 mar. 2014 .

_____. Memória - Dilma sobre Jango: “Hoje é dia de encontro do Brasil com sua história”. Zero Hora, Porto Alegre, 14 novembro 2013(c). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/11/dilma-sobre-jango-hoje-e-dia-de-encontro-do-brasil-com-sua-historia-4333469.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

_____. Mudança na história - Congresso anula sessão que depôs Jango da Presidência da República em 1964. Zero Hora, Porto Alegre, 21 novembro 2013(d). Política. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/politica/noticia/2013/11/congresso-anula-sessao-que-depos-jango-da-presidencia-da-republica-em-1964-4340563.html> . Acesso em: 03 mar. 2014.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia** estão disponíveis em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo>

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a Licença Creative Commons 2.5